

~~25428 10~~
T r o v a s .

Ineditas de Bandarra

Natural da Villa de Francoza.

L. 36398⁴ 2.

R. F. 8108

Que existião em poder de Pacheco Contemporaneo
de Bandarra e que se lhe achãrão depois de
sua morte.



OFERTA

L o n d r e s .

MCCCCXV.

1870

Journal of the
Society of Friends

at the
Yearly Meeting

at the
Meeting-house

at the
Meeting-house

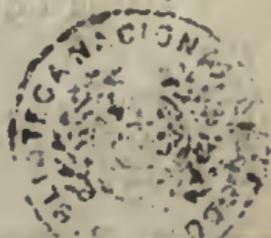
at the
Meeting-house

at the
Meeting-house

L. 36398⁴ P.

Introdução.

Com grande satisfação receberão, todos os Portuguezes, assas Cinceros, e prudentes, as trovas de Gonçallo Annes Bandarra, impressas em Barcellona em 1809 sobre a edição de Nantes de 1644. Juntandose, a esta edição outras, trovas que nunca se tinham impreço pella difficuldade que havia de se não acharem.



Ficando porem ainda o ardente dezejo em muitas pessoas de verem impresso o resto (de que havia noticia de sua existencia) de todas as trovas de Bandarra; porquè como este lia profetizando, em diversos tempos duraute a sua vida; igualmente por este motivo, appareião em diversos tempos, e lugares, e em poder de algumas pessoas, como se vio (por exemplo) na edição de Nantes de 1644 não se ímpremirão senão, aquellas trovas, por que não apparecerão as que se ímpremirão, em Barcelona em 1809 (que fazem a 2ª e 5ª. parte des ta obra) as quaes são, as que se achárão em poder do Cardeal Nuno da Cunha, e as que tinha o Commissário do Santo officio Domingos Furtado de Mendonça: e agora depois que se fez a edição acima ditta de 1809, se acharão na livra-

ria do Ex^{mo} Sñr..... (omito o seu nome por motivos particulares) em manuscrito muito antigo! todas as profecias de Baudarra, não só as que se achão já impressas, nas duas edições que já dicemos, mas tãobem as trovas de que havia noticia, que tinhão ficado em poder de Pacheco, amigo, e contemporaneo de Bandarra, que mereceo a este tanto conceito, que foi digno de responder a quelle às perguntas que lhe fazia, cujas respostas que Bandarra fez a Pacheco são as que se achão na edição de Barcelona de 1809 des de paginas 60, até, 66. e como esta obra estava incompleta; e pella sua natureza mereçe muita reflexão a todas as pessoas discretas e assas prudentes; a rogos destes pois hé que me determinei a mandar imprimir, as trovas que o dito Pacheco

tinha em seu poder, ficando desta sorte completa a edição desta obra toda, de que há noticia que Bandarra profetizou, assim como também, completos os ardentes desejos de todos os Portuguezes Fieis, Cinceros, e Honrados, como eu que me prézo deser hum. —

Leal Portuguez.

Quarta parte das Trovas
de Bandarra.

1.

Os tempos com crueldade
Começar-se hão a mover,
Se me não engana a verdade
Ali perderão seo ser
No meio de certa idade.

2.

Virà gozando de paz
Aquelle pastor valente,
Hum lobo que guerra faz
Moverà toda a gente
Com huma lingua sagaz.

3.

Logo nas mãos o pastor
Seu cajado tomarà,
Sem mostrar nenhum temor
Contra os lobos que achará
Revestidos de rigor.

4.

Nelles farà tal destroço
Que serà conza de espanto,
Como bravo Touro em cesso
Logo perde tudo quanto
Tinha como pastor moço.

5.

Jà vejo que se desterra
Este pastor sem ventura,
Da patria rebanho, e terra
A huma larga Sepultura
De huma frondoza serra.

6.

O manço gado que em páz
 Pella ribeira regia,
 Já desgovernado traz
 Triste sò sem companhia,
 Que hum mão concelho faz.

7.

E logo outro pastor
 Do pouco gado que achár,
 Serà absoluto Senhor,
 E serà em quanto durar
 A fortuna, e seo rigor.

8.

Serà pastor estrangeiro
 O que reja o manço gado
 Que taõ bravo foi primeiro
 Mas ai que falta o malhado
 Que era o principal Carneiro.

9.

De pois que por tempo largo
 Este pastor governar
 A este rebanho amargo,
 Outra vez lià de tornar
 A ter o que tinha o cargo.

10.

Haverà novos sinaes
 Da parte deste pastor,
 Thé os mesmos animaes
 Por seu natural Senhor
 Darão suspiros, e ais.

11.

Tornarà a quebrada linha
 No Cábo de certa idade,
 A en cher-se como pinha,
 E descobrirà a verdade
 Do que encuberto tinha.

12.

Sem pena que damno faça
 Tornará pella ribeira
 Pastar o gado na praça,
 Por ultima, e derradeira
 Dos fados Supréina traça.

13.

Tornarei a recolher
 Esta ovelha perdida
 A patria que lhe deu ser,
 E porei por ella a vida
 Sem nunca des falecer.

14.

Então não me mudarei
 Pois conheceis que sou vosso,
 Minha ovelha estimarei
 Pois de outro modo não posso
 Alma, e vida lhe darei.

15.

Haverà em triste Cidade
 Grande fome peste, e guerra,
 Que a Escritura a não erra
 Que em tudo falla verdade.

16.

De longas terras virão
 Dois Leões mui asanhados
 Hum de Cruz, e outro não
 Vingarão males paçados.

17.

Serão à força da espada
 Destruídas mil provincias,
 Na Luzitania assollada
 Terão fim roubos, e malicias.

18.

Na era de quarenta, é hum
 De Janeiro por diante,
 Dará fio ao seo montante
 Aparente cada hum.

19.

O nosso Christianismo
 Nossa grande Obrigação,
 Não temos mais de Christão,
 Do que o nome do Baptismo.

20.

Fazemos dos dias noites
 Vivendo como agrestes,
 Haverà castigo, e açoutes
 Cada qual se faça prestes.

21.

Espantozos movimentos
 Havemos cdo dever,
 E antes de muitos tempos
 Ha de isto de acontecer.

22.

Não haverà em Hespanha
 Lugar preveligiado,
 Tudo serà assollado
 Dessa gente de Alemanha.

23.

Todos os lugares planos
 Por terra serão prostrados,
 Muitos males, muitos damnos
 Haverà pellos peccádos.

24.

As Serras se habitarão
 Eos Oiteiros mais altos,
 Muitas Gentes salirão
 Outros andarão em Saltos.

25.

Andarão como pasmados
 Chorando pellos caminhos,
 De suas terras lançados
 De parentes, evesinhos.

26.

Então não haverà amigos
 Nem pay que por filho seja,
 O mais seguro abrigo
 Serà acolherse à Igreja.

27.

Nesses tempos os meninos
 Ainda que innocentes,
 Terão tãobem accidentes
 Muito fora dos Caminhos.

28.

Haverà peregrinaçoens
 Mortes sem conto de dura,
 Males fogos devisoens
 Só Deos lhe póde dar cura.

29.

Ha de ser Rey quem fôr
 Que em Deos está o saber
 O bom, o São, o melhor
 Só elle o sá de escolher.

30.

Por particular entercese
 Tem chegado o mundo atanto,
 Triste do que lhe parece
 Que háde bastar falçomanto.

31.

Os póvos lião de alistar
 As culpas dos seus Monarchas,
 Que sem nenhum estudar
 São Letrados, e Patriarchas.

52.

Nos Ceos haverà sinaes
 Na Terra não faltarão,
 Tormentos peunas, e ais
 Que aos Ceos penetrarão.

55.

E depois do Leão morto
 Não sem falta de mistério,
 Aportará neste porto
 Outro com maior Império.

54.

Entrará com companheiro
 Na terra dos Luzitannos,
 Cada qual bom Cavalleiro
 Destruirão os Arriannos.

55.

Tempos traz tempos virão
 Que os Grandes serão baixados
 Os pequenos exaltados
 Povo, e Rey governarão.

56.

E depois de tantos males
 Fomes, pestes devisoens,
 Cheios os montes, e Valles
 De tristes peregrinações.

57.

Tornará o Redemptor
 A olhar por seo rebanho,
 E telloha com muito amanho
 Como bom Rey e Senhor.

58.

Escaparà pouca gente
 De tão perigoza dança,
 Virà tempo de bonança
 Quem viver será contente.

39.

Vejo vir grandes baleias
 Pella costa de Biscaya
 Gaia gaia da vezinha praya
 Que lhe tingem as areias.

40.

Eis là contra a Norúega
 Raios, Cavallos, Golfinhos,
 Com que preça que navega
 Tanta Cópia de Marinhos.

41.

Vejo milhoens de Relampagos
 Trovoens que rompem os ceos
 Nuvems de mui grandes véos
 Coriscos grandes expantos.

42.

Que mancebo. tão formozo
 Dà Luz a todo o Emisfério,
 Rosto mui digno de Império
 Forte, fero, e graciozo.

43.

lá por força toma a Serra
 Cercado de Leões bravos,
 Oh que unhas dentes, quebrados,
 Teme, e treme toda a terra.

44.

Mil rapozas vão diante
 Buscando grutas, e covas,
 A Lebres, Coelhos dão novas
 Que fujão de tal semblante.

45.

Deseançame a vista vendo
 Hirse o tempo já chegando,
 E estarse a Alma alegrando
 Com o que vejo, e entendo.

46.

Venha embora 'o Leão forte
 De tantos acompanhádo,
 Que affirmão, e tem jurado
 Que em que lhe cante a morte
 O hão de ver coroado.

47.

Que grandes arriboens
 São Atums, ou são Sardinhas,
 Maiores são que Barquinhas
 São Náos, boms Galioens.

48.

Parece que seo caminho
 Hé direito a Portugal
 Ai se eu mal não advinho
 Não vão carregar de Sal.

49.

Que rostos, corpos, e armas,
 Quanto fogo, e quanto asso,
 No rosto gente do Passo
 E Soldados nas Bisarmas.

50.

Ora quero - lhe dizer
 Esta cà occupáda a Terra,
 Mas poderão responder
 Se hé gente de paz, ou guerra.

51.

Hé gente que em si encerra
 E a quillo que diz não faz,
 Diz guerra, ordena páz
 Pergoa paz, e faz guerra.

52.

O Seo Rey quer ser Monarcha
 E toda a Terra pertende,
 Tudo abrange, e tudo abarca
 E do direito não pende.

53.

Vinde cá Rey Soberanno
 Quero vos dezenganar,
 Lembro - vos que sois humanno
 E que tudo hade acabar.

54.

E que na postreira hora
 Quando o mal já estiver feito,
 Enão possa ser desfeito
 Treme alma, e emvão chora.

.55.

Lembre vos o que aconteceo
 A Tholedo com o pay
 Que já cada hum lá vay
 E não sei qual para o ceo.

56.

Quercis vòs a Portugal
 Sendo elle nome macho
 Ainda mal por que lhe acho
 Muita fémea, e pouco Sal.

.57.

Se quizerdes por direito
 Deixarse há elle torcer,
 Mas forçado hé máo geito
 Para se deixar vencer.

58.

Vejo vosso damno perto
 Hireis perdendo o reynado
 Etão bem tende por certa
 Morrerdes desconsolado

59.

Luzitanna hé chamãda
 A Dama que dezejaés,
 Ella hé dantes despozada
 Persequilla hé por demais

60.

Ainda que em caza tem
 De Ulices tantos povos,
 Hir-se hãõ como os porcos
 Ante o Leão que vem.

61.

Esta profecia hè bella
 Mui certa e verdadeira,
 Quem tiver boa terceira
 Gozarà a Sabia Donzella.

Fim da quarta parte.

Quinta parte das Trovas
de Bandarra.

1.

Quando de noite me ponho
A dormir sem me benzer,
Tudo o que háde acueder
Se me representa em Sonho.

2.

Sempre mandei esrever
Aquillo que me lembrou,
Porque a memoria a postou
De tudo se esquecer.

3.

Nas Trovas que tinha feito
Muito há que conciderar,
Como o seo tempo chegar
Se vera o meo conceito.

4.

Sempre por thezoiras faço
As minhas contas mui certas,
Portas que hão de estar abertas
Não são boas para o paço.

5.

Eu não sou Profeta inteiro
 E menos na minha terra,
 Mas vejo vir pella Serra
 Atraz de hum Lobo hum Cordeiro.

6.

O Sol pello meio dia
 Faz o effeito de Geada,
 Vejo partir humna armáda
 Corregáda de agua fria.

7.

Huma grande tempestade
 Com o céo nuclaro, e Serenno,
 Fará hum hommem moreno
 Com rezão mas sem piedade.

8.

A minha trepeça tem
 Trez péz mui bem seguros,
 Vejo frabricar hums muros
 Mas eu não sei para quem.

9.

Quem muitos annos durar
 Hade ver couzas indignas,
 Tocar-se haõ muitas bozinas
 Por hommems peixes do már.

10.

Todo o mundo grita, e berra
 Cada qual no seo officio,
 Pois antes que hum beneficio,
 Querem, peste, fome, e guerra.

11.

Quando furo com a Suvella
 Coiro groço, e Macio,
 Vejo prender no ficio
 Quaze toda a parentella,

12.

Eu tenho medo da morte
 Como couza superior,
 O Presbitero maior
 Não hãde tornar à Corto.

13.

Annos hãode vir à terra
 Emque por nossos peccados,
 Nas cazas fiquem os gados
 As gentes vivaõ na Serra.

14.

Sempre como os meos feijoeis
 Quando vem bem temperados,
 Vejo no templo os Copados
 No Cural os Cappellaens.

15.

Sou Sapateiro, mas Nobre
 Com mui pouco Cabedal,
 Etu triste Portugal
 Quando mais rico, mais pobre.

16.

O (A) que ponho às avessas
 Com a perna atraz levantáda,
 Háde ter a mão armáda
 Para degollar Cabeças.

17.

Quando a terra dos Falcoens
 Certa erva produzir,
 Creio se háde conceguir
 O deitar fóra as Lezoens.

18.

De hum brazeiro mui acezo
 Dandolhe o vento ligeiro,
 Se háde formar hum pinheiro
 Sem ter medida, nem pezo.

19.

O Carro que vai chiando
 Por hir muito carregado,
 Sim mostra o jugo pezado
 Mas não tira pezo andando.

20.

A Hortela na Panella
 Dizem que lhe dá bom gosto,
 Essa mulher de bom rosto
 Não ouço rusnar bemdella.

21.

Hespanha muito medroza
 A Europa muito enfadada,
 Huma mulher de almofada
 Sabe como huma rápoza.

22.

As linhas comque cozia
 Já não ^{las} como as de agora,
 Temo que se deite fóra
 Quem Souber a Aye Maria.

23.

Na era que eu tenho ditto
 Nas Thezoiras levantadas,
 Se haõde ver muitas jornadas
 A' custa do Saõ Benito.

24.

Não pode haver couza boa
 Aonde Habita o mal Francez,
 Temo o polho Portuguez
 Em poder de huma Leoa.

25.

Quando o Leão Hispanhol
 Vier quãse a Portugal,
 Háde ser o nosso mal
 Querer luzir como o Sol.

26.

Quando a neve como braza'
 Todas as plantas queimar,
 Dous quintos se haõ de ajuntar
 Sem haver jogo na caza.

27.

Em hum lugar mais ameno
 Cercados de mares groços,
 Vive por peccados nossos
 Quem se sustenta com feno.

28.

Sempre vem de monte, a monte
 As agoas das enxorradas,
 E vejo testas coroadas
 Sentadas sobre huma ponte.

29.

Quando tiverem por certo
 Perdida toda a esperança,
 Portugal terá bonança
 Na vinda do Encuberto.

50.

Vejo vir pello mar largo
 Como quem vem para dentro,
 Humi hommem buscar seo centro
 Depois de hum grande lethargo.

51.

Quando me matar S. Jorge
 E Marcos me reçuscitar,
 Saõ Joaõ me exaltar
 Faça todo o mundo alforge.

52.

Os pez da minha trepêça
 Conta trez vezes areio,
 Ajuntalhe dous, e meio
 Dizelhe que apareça.

55.

Naõ podeis fazer queixume
 De deixar o vosso lár,
 Que se do norte ventar
 Do Sul vos virà o lume.

54.

Vejo a grifa parideira
 Juntada com huma Serpente,
 E vejo que muita gente
 Tem disto grande canceira.

35.

Vejo o Leão, e a Serpente
 Atraz da gente goleima,
 Grita o gallo que ateima
 Com o Lobo que tem diante.

36.

Já vejo grande mofina
 No porqueiro de Sequem,
 Que o gado todo está bem
 Com o Ovilheiro de Dina.

37.

Vejo a Lua ensanguentada
 Pella virtude do Encubarto,
 Se está longe, ou se perto
 Assim o diz a toada.

38.

Là vem por cima do már
 Hum Cavallo de madeira,
 Que fará n'humia poeira
 O porco que hãde grunhar.

39.

Vejo pedras ajuntar
 Là muito perto da Lua
 Vejo subir de humma, e humma
 E nellas • Sol entrar.

40.

Vejo pello meo Teliado
 No Ceo grande resplendor,
 Se hé alegria, ou temor
 Esdras o tem declarádo.

41.

Vejo o Almocreve tomar
 As Alamanhas antigas,
 Vejo nascer das ortigas
 A semente là do mar

42.

Là donde o Sol vem nascendo
 Hum Dragaõ vejo vir vindo,
 A seo Cabo vem correndo
 Mais bichos que o veni seguindo.

43.

O primeiro depois do quinto
 Filho d'Agnia levantada,
 Hade estender sua Espada
 Sobre a Galia faminto.

44.

Vejo sahiras Gaivotas
 De dentro do nosso Tejo,
 Taõbem parece que vejo
 As luas por ellas rotas.

45.

Sonho que rebentaõ fontes
 Da terra da Promiçaõ,
 E que os Gallos de Siaõ
 Vaõ fugindo até os montes.

46.

Naõ canta o Gallo com penna
 Asaguias charaõ mofina,
 A serpente encrespa a clina
 Porque Deos assim o ordenna.

47.

Faremos dos dias noites
 Vivendo como agrestes,
 Havarà castigo, eaçoutes
 Cada hum sefaça prestes.

Fim da quinta parte.

Sexta parte das Trovas de
Bandarra.

1.

Sonhei que via hum fumo,
Com grande força sahir,
E deixando de Subir,
Hum altar vi no escuro:
Formava taõ forte muro,
Que estava o Altar cuberto;
Vi a hostia naõ mui perto,
Do tal Altar arredada:
Huma cara sublinhada,
Em ella vi por mais certo.

2.

Parceme que eressia,
Quem assim o figurava:
Taõbem sonhei me pegava,
Quem mulher me parecia:
E que com voz me dezia,
Anda ver a terra nova,
Pella maõ levou-me à cova,
Levava bello vestido,
As nuvens eu fui subido,
Onde vi a gente toda.

3.

Negra, e amolatáda,
 Logo à terra baldeando,
 Arespiração faltando
 Eu daqui já não quis nada,
 Para a terra de paneada
 Me trouxe a tal mulher,
 Athé alcancei dizer
 Vou segunda vez à terra,
 Logo vinha nesta era
 E tornava a aparecer.

4.

Parecia a meo ver
 Nova Igreja figurada,
 Por hereges desterráda,
 Na quella terra a tremer,
 Quem Herege quizer ser
 Ficará negro, ou molato,
 E terá todo o máo trato
 Por fugir da boa Ley,
 No Inferno sua grey
 Para tráz darà o Salto.

5.

Taõbeni sonhei que a nuvem
 Cobria a gram redondeza,
 Mui medonha, e espeça
 Taõbem raios que dertroem,
 A quem a falça Ley tem,
 E depois vi aclarar
 Com hum claraõ singular,
 Em dia de huma Senhora
 Em fe seguinte boa hora
 Seu nascimento sempár.

6.

Em sonhos vi grande armáda
 Ea Lua, em rosso Tejo,
 Ficandolhe o Sol por baixo
 De huma Torre armáda,
 Moiros tiveraõ entráda
 Pella terra de christaõs,
 Na Igreja vi estes máos
 Hum exercito Francez,
 Taõbem entrou destavez
 Acompanhádo dos Máos.

Levens

7.

Pella terra veio entrando
 Athé se perder de vista,
 Com grande préça, e cobiça
 Toda a vinhaõ derrotando,
 Taõbem os Moirros chegando
 Com grande astucia, e préça,
 Vinhaõ buscando a Cabeça
 A huma Cidade Real
 Pouco cuida Portugal,
 Em o mal que lhe aconteça.

8.

Parece que estou ouvindo
 Nesse mar a gran tormenta
 Antes que chegue os Setenta,
 Caxas, Ballas, barberinhos
 Entaõ hé que virá vindo
 O Grande pastor Geral,
 Acudir a taõ graõ mal,
 Dando às Ovelhas sustento
 E taõbem ó Sacramento
 Viva o nosso Portugal.

9.

Poucos tempos paçaraõ
Segundo as Profrecias,
Em os Sinaes destes dias
Outros que cedo viraõ
Huma Gran tribulaçaõ,
Mas ao depois verà
A volta que tudo dà,
Chegando logo a vencer
No mundo todo o poder
Na Igreja ficarà.

10.

Em todas reste-tuida
Com maior veneraçãõ,
Só nella tem o Christaõ,
Gloria na eterna vida
Mas ai que a vejo cahida
Que primeiro vem chegando
Os bonis largando o mando,
Outros morrendo à preça
Outros perdem a Cabeça,
Muitos disso vão folgando.

11.

Tanto Sangue pello campo
E tanto morrer na rua,
Tantos deixão vida sua
Por guardar o nome Santo,
Nem da mulher o manto
Terà respeito ou favor,
Jà nenhum lhe tem amor
A essa profanna vaidade,
Quando virem a Cidade
Posta no maior horror.

12.

Jà de França serà farto
Quem à França quiz andar
Nunca mais andem trajar,
Tomàra não ter o fato:
Paga o povo por ingrato
O desprezo que tem feito,
Da Patria do minho aceito
Dando rédias aõ profanno
Teraõ o seo desenganno,
Com o Vestir mais perfeito.

15.

Com Sangue, Roubo, e Deshonra
 Com mortes, e Vitupérios,
 Fomes doenças, e Guerras,
 Querendo acabar a terra
 Com mui grande alarido,
 Todos ficaraõ com sentido
 Com o mal não esperado
 Serà prezo o Diabo
 Porque entãõ tudo hé acabádo
 Eo morto serà vivo.

14.

Era taõbem logo chega
 Que a todos de alento,
 Serà fim este tormento,
 Quem com bonança navéga
 Entãõ armáda mais féra,
 Livranos do Inemigo,
 Com bom valor, e abrigo
 O Beato São Joãõ
 Em seo dia nos dá amaõ,
 Eo Incoberto vivo.

15.

Quem destruir os do Norte,
 Eos Moiros deitar fora,
 Matandolhe a gente toda
 Em Cacilhas farà côrte
 Lá vereis o estandarte
 Com as quinas arvorado
 E emtaõ vereis mostrâdo
 Em sinia o bom Jezus,
 E taõbem a Santa Cruz
 Para vencer o Diabo.

16.

Veremos o mar vermelho
 Sem hir a Jerusalem,
 A qui veraõ os que tem
 Tomâdo o mão concelho,
 Em si proprio o espelho,
 Muito Sangue em si correndo
 Mas quem fór obedecendo,
 Passará sobre o mar
 Sem que precise nadar,
 Verà o maior portento.

17.

Em Cassilhas a Bandeira
 Com estandarte Real,
 Logo Hereges por seo mal,
 A morte tem de Carreira:
 Terà este na Simcira
 Hum Cristo crucificádo,
 Verà o povo malvado
 O quão cego tem vivido,
 Em terem perceguido
 Ea muitos martêrizádo,

18.

O Moiro, Turco, Francez
 Não poderaõ fugir todos,
 Porque muitos seraõ mortos
 As mãos do bom portuguez,
 Là levarão desta vez
 Novas aos seus que contar,
 Quando virem em portugal
 O Encuberto declarado,
 Castigando todo o estrago
 Que elles vieraõ cauzar,

19.

Nenhum remedio lhe sinto
 O Naõ vircá melhor fôra ,
 Venha sim em boa hora
 Quem ao lobo faminto ,
 Lhe ponha em sangue tinto
 Por essas ruás no chaõ ,
 Bandeiras em confuçaõ
 Flores , Barretes , e Capas
 Deste bom Rey nada escapa,
 Viva o Graõ Sebastião.

20.

Sonhei que via vencer
 As quatro partes do mundo,
 E que Portugal a tudo
 Hia dando que fazer,
 E taõbem fazendo crer
 O Evangelho, e a Cruz
 Ao povo falto de luz,
 Sacramento eterno dia
 Taobem a Virgem Maria
 Todos com o bom Jezus.

21.

Sonhei que o Sacramento
 Em todo o mundo em redondo,
 Já das almas será dono
 Isto maior portento,
 Também graõ contentamento,
 Em ver os Reys me cauzou
 Que na geraçã dotou,
 Lá de Affonço o primeiro
 Thé trinta o derradeiro,
 Onde o primeiro acabou.

22.

Por humgrande oppozitor
 Depois da linha acabada,
 Este fará derrotada,
 A Igreja com horror,
 A' berta mete pavor
 Em trez, e meio de dura
 Tanta gente à Sepultura,
 O Martir gloriózo
 Por fugir do tenebrozo,
 A seguir a Virgem pura.

23.

Por mil, eduzentos annos
 A Igreja reinarà,
 Já todo o Christaõ será
 Vivendo como irmãos,
 Nem trapaças nem enganos
 Debaixo de huma cabeça,
 No seo Império, e pastor,
 Por Sebastiaõ Senhor
 A quem tudo obedeça
 Com Zelo, e grande amor.

24.

Este Rey de Deos guardado
 Para limpeza do mundo,
 De talsorte porà tudo
 Que deos seja venerado,
 Em portugal exaltado
 De pequeno, egraõ. Senhor,
 Os mais todos com Pavor
 Logo o hãode coroar,
 Por Imperador sempár
 Ao depois do Creador.

25.

Sonhei que via descer
 Hum Anjo em huma nuvem
 Mostrando que já destroe
 Quem Herege quizer ser,
 Daqui vem a entender
 Pella voz que lhe ouyi
 E com furor disse assim,
 "Morra o Blasfemador
 "Da Ley do bom Redemptor,
 "O Prencipio desde aqui.

26.

Taõbem a Lua correndo
 Sonhei que avia vir
 Por trez vezes a cahir,
 E Portugal perecendo
 A isto o que eyentendo
 Que figura muito moiro,
 Vindo a buſcar o oiro,
 E mais riqueza notoria
 Fazendo perder a gloria,
 A quem della faz thezoiro.

27.

Quantos destes vão roubando
 Ai quando virem chegar,
 Muitas Náos em este mar
 E gente em terra botando
 Entaõ ouviraõ o bando,
 Mata, fere, e degolla,
 Ficando a gente tolla
 Tao tolla, como pasmáda
 Ea terra derrotáda
 Perceguida a toda a hora.

28.

Morem, e ficaõ Catholicos,
 Huns morrem, outros pelejaõ
 Outros depreça despejaõ,
 O melhor que guardaõ vivos,
 Já faltaõ Leaes amigos
 A imgratidaõ sobeja,
 E alguns comgrande inveja,
 Sò cuidaõ em bem furtar,
 Nenhumi quer a tuzar
 O Mal que tanto sobeja,

29.

Nenhum remedio se sente
 Sem ter meio de Apellar
 Nem na terra, nem no Mar,
 Vendo prêza maior gente
 Omais alto delinquente,
 Naõ ficará sem castigo
 Quem muito prende taobem
 Será prezo, e cativo,
 Pezarlle há de servivo
 Estando só sem ninguém,

30.

Nas armas pèga a mulhier
 Taõbem entra em Concelho,
 Então acode o bom Velho
 Sebastiaõ hádeser,
 E tudo em seo poder
 Ficarà com graõ limpeza
 Ou Magestade, Alteza
 Ben livres do Cativoiro
 Lobo se torna, em Cordeiro
 Em paga da tal Fineza.

31.

Contra grão Senhor se ergue
 Com furia, Astucia, e Manha,
 Esperta, forte, Companhia,
 De seo maior mal lhe serve,
 Taõbem quem ajnda perde
 Honra, fazenda, e Vida,
 Depois de no mar vencida
 E na terra maior risco,
 Sepultado no abismo
 De todo será perdida.

32.

Perde Braga, vence o Porto
 E todas serãõ entradas,
 Em o jogo das pancadas
 Em Bahia grãõ destroço,
 De Lagos fica bem pouco
 Lisboa já hé Senhora,
 De cativa deffença
 Da Ley que haõde guardar,
 Os que se querem salvar
 E morrer em boa hora.

33.

Viva o grande Portugal
 Todos saltaõ de contentes,
 Mulheres com seus parentes
 Ficaõ livres do graõ mal,
 Veja agora cada qual
 De que sorte poem a vida,
 No levantar da cahida
 Tem o vemido namaõ,
 Quem cuidar em bom Christaõ
 Sua alma serà subida.

34.

E todo o mundo sugueto
 A esta naçaõ portugueza,
 Por aquella grande Alteza
 Que Christo tem em seo peito,
 Por lhe ser o mais aceito
 Na Fé, Constancia, e Valor,
 Peregrino, e Senhor
 Gram trabalhos padecendo,
 Em fortaleza padecendo
 Em o mundo grãõ valor.

55.

Em humildade, e esperança
A maior que já se vio,
Com caridade subio
Ao lugar que logo alcança,
Justiça com temperança
Na prudencia o primeiro,
No castigo o derradeiro
Esperando a Sugeição,
Logo chega o pagaõ
A ser Christaõ verdadeiro.

56.

Portugal fica mais nobre
Em todo elle o poder,
E taõbem se hádever
Ficar rico, o que foi pobre,
Aquelle a quem a fé cobre
Firme na Santa Igreja,
Todos lhe teraõ inveja,
Quando virem Portuguezes
Vencendo Turcos, Francezes,
E Moiros, em graõ Peleja.

57.

Dois descendentes que traz
 De grande Valor, e Brio,
 O Mais velho em Senhoria
 Porá a guerra, em Paz,
 Veraõ todos o que faz
 De bens na Santa Igreja,
 A força lhe tem inveja
 A Fortuna, e augmento,
 Fará pôr o Sacramento
 Onde tudo Christaõ seja.

58.

O Pastor mór cedo falta
 Seo descendente reinando,
 E grande castigo dando
 Aos vezinhos de Malta,
 Quando Veneza se exalta
 De França hé Malograda,
 Cauzará nestapancada
 Entre os seus naturaes,
 Seraõ os castigos taes
 Que toda seja arrazada.

Fim da Sexta Parte.

